

ENTREVISTA

“Corram riscos!”

Entrevista com Otávio Velho

Em dezembro de 2010, Otávio Velho esteve em João Pessoa, Paraíba, para proferir uma conferência e participar de uma banca de concurso para docente na Universidade Federal da Paraíba. Gentilmente, aceitou conversar com as professoras Flávia Ferreira Pires (UEPB) e Sílvia Garcia Nogueira (UEPB), suas ex-alunas no PPGAS/ Museu Nacional/UFRJ. Ao longo de cerca de 3 horas, falou sobre sua trajetória profissional, apresentou posicionamentos críticos em relação ao campo das Ciências Sociais e deu conselhos generosos aos neófitos, além de compartilhar impressões pessoais sobre sua vida na Ilha de Paquetá ao apresentar-se. Aqui, o leitor terá acesso à parte ainda inédita da entrevista. Outros momentos desse encontro poderão ser apreciados na *Revista Política e Trabalho*, 34, 2011, da UFPB.



Biografia

A trajetória intelectual e política de Otávio Velho mistura-se à própria história das ciências sociais no Brasil. Formou-se bacharel em Ciências Políticas e Sociais pela PUC-RJ em 1964. Fez parte da primeira turma do PPGAS do Museu Nacional/UFRJ, que teve início em 1968, e sua dissertação de mestrado foi a primeira a ser defendida pelo Programa.

Com o endurecimento da repressão política no Brasil dos anos 60/70, Otávio Velho partiu para a Universidade de Manchester, onde fez doutorado em filosofia, concluído em 1973. No doutorado trabalhou com questões do capitalismo brasileiro cunhando o conceito de “capitalismo autoritário”. Esses estudos o fizeram referência central nos estudos do campesinato.

Realizou também um pós-doutorado pela Stanford University (1981), tido como importante para sua virada epistemológica e para a expansão dos seus interesses de pesquisa sobre religião e a modernidade, condensados no artigo “Cativeiro da Besta-Fera”.

É professor titular (1993) e professor emérito (2005) de Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional/UFRJ. Já foi conselheiro e atualmente é vice-presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), atividade à qual se dedica com afinco. É membro do Conselho Superior da CAPES e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro (Faperj). Foi o primeiro antropólogo a presidir a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), entre 1986 e 1988.

É membro do grupo de consultores (Advisory Group) sobre Relações e Diálogo Inter-religiosos do Conselho Mundial de Igrejas (*World Council of Churches*). Com isso, gostaríamos de destacar sua capacidade de dialogar com as outras áreas do conhecimento, inclusive com a teologia e as ciências exatas. Foi também presidente do Instituto de Estudos da Religião – ISER (1989-1990) e teve uma profícua atuação na FASE – provavelmente a primeira ONG no Brasil. Foi editor científico da revista *Ciência Hoje*, da SBPC, e membro do Conselho Diretor do Projeto Ciência Hoje (de 1997 a 2001). É pesquisador sênior do CNPq.

Além de artigos em periódicos e obras coletivas nos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Argentina, Peru, Holanda, Suécia, Suíça, Portugal e Itália, Otávio Velho publicou, dentre outros, os seguintes livros:

Mais realistas do que o rei: ocidentalismo, religião e modernidades alternativas. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.

Besta-fera: recriação do mundo – ensaios críticos de antropologia. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

Sociedade e agricultura. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

Frentes de expansão e estrutura agrária. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

Destacamos também sua participação em diversas coletâneas publicadas no Brasil e a autoria de apresentação e prefácio de inúmeros livros.

(org.) *Circuitos infinitos: de comparações e religiões no Brasil, Portugal, França e Grã-Bretanha*. São Paulo: Attar, 2003.

(org.) *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

(org.) *Estrutura de classes e estratificação social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

(org.) *Sociologia do conhecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

Uma das características que chama a atenção na obra de Otávio Velho é a criatividade e a inquietude intelectual. Além disso, possui uma atitude crítica frente aos seus próprios textos e uma necessidade de estar sempre à procura daquilo que não se conhece. Essa característica o aproxima muito da postura intelectual de Marcel Mauss, que ao contrário do tio Durkheim – que ilustrava a teoria com a realidade empírica, atitude ainda corrente nas ciências sociais, se interessava por aqueles fatos que não podiam ser ainda explicados pelas teorias postas. A particularidade do conhecimento antropológico construído no intenso embate entre teoria e realidade (conforme colocado por Marisa Peirano, no famoso texto *A favor da etnografia*), está explicitado na obra de Otávio Velho, na qual a realidade realmente confronta a teoria e a transforma.

Etnografia mesmo sem campo, alteridade como escola

Silvia Nogueira: Primeiramente, gostaríamos de agradecer pela sua disponibilidade em conversar conosco nessa linda manhã de verão em João Pessoa. Como é que você vê esses estudos que não têm trabalho de campo, por exemplo, na própria antropologia? A gente imagina que na antropologia necessariamente tem que ter o trabalho de campo.

Otávio Velho: Eu não sou contra, só acho que não se deve perder a referência ao trabalho de campo. Acredito que a norma, o padrão mais usual deve ser o trabalho de campo, que a partir daí você possa ter outras situações também. Mas, sendo assim, se a referência continua sendo o trabalho de campo e a etnografia, que isto influencie o

próprio trabalho que não seja propriamente um campo. Eu estou lendo no momento um livro de uma antropóloga americana, a Ann Stoler, que trabalha com arquivo, mas insiste muito na ideia da etnografia do arquivo. Ela realmente trabalha com toda a bagagem da Antropologia para fazer essa etnografia do arquivo. Até é contra certa tendência que existe entre os antropólogos de lidar com o texto e com o arquivo de uma maneira um pouco ingênua. Porque justamente a gente não trabalha como se estivesse em um campo. Eu não tenho nada contra, pelo contrário, aliás. Acho que um dos campos que está se desenvolvendo no mundo hoje, na Antropologia, é a fronteira entre a Antropologia e a História. Eu acho que isso é muito importante, mas não se deve perder essa referência à alteridade e ao trabalho de campo. Inclusive, muitos dos melhores trabalhos de antropólogos sobre a nossa sociedade foram feitos por antropólogos que anteriormente tiveram um trabalho mais radical de alteridade. No início de carreira, já com uma coisa assim muito próxima, muito facilitada, é que eu acho que é ruim. Deixa isso pros mais velhos, nos dando conta que é falso pensar que isto é o mais simples. Pelo contrário.

Flávia Pires: Como você vê o uso do método antropológico ou da etnografia pelas outras ciências humanas? Por exemplo, a educação tem usado bastante a etnografia como método, a própria história também tem usado. Como você vê a circulação dos conceitos, principalmente desse nosso?

Em princípio acho muito bom e ao mesmo tempo desafiador para os antropólogos: a gente perde o domínio sobre esses conceitos, a gente perde o controle sobre eles e, em princípio, eu não desgosto disso. A vida é complicada mesmo e a gente deve aceitar isso, acho que em princípio é bom. E talvez aí a gente tenha um papel a cumprir, não é? Porque de qualquer maneira, como nós temos uma tradição em relação a esses conceitos, em relação a esse tipo de trabalho, o nosso testemunho é importante, sem nenhuma função paternalista ou de pretensão de domínio. Mas, de qualquer maneira, evidentemente que também se podem fazer coisas ruins com esse tipo de aparato, então é importante e nós podemos, talvez, colaborar. Mas, em relação a

alguns desses conceitos, inclusive, é bom lembrar que não fomos nós que inventamos... a ideia de cultura, por exemplo, não foi inventada por nós.

“Deixa a vida me levar”...

Silvia Nogueira: O que hoje te dá prazer de pesquisar? Como você sente uma mudança de objeto, já que possui essa inquietude, o “a partir de”, que você falou na conferência proferida na UFPB [em 03/12/2010]¹? Como é que você sente que está na hora de passar pra outra coisa, passar para outro objeto ou passar para uma outra abordagem?

Talvez começando pela segunda, eu acho que... eu estou tentando lembrar de alguma música, alguma coisa que fala dessa ideia. Ah! Eu acho que é o Zeca Pagodinho mesmo: “deixa a vida me levar”! Então, não são coisas planejadas, são coisas que acontecem em função de um conjunto de circunstâncias. Tendo a achar, um pouco misticamente, que tudo o que acontece na vida da gente são sinais que nos levam numa direção e em outra. Então, por exemplo, meu interesse maior nos últimos anos por pensar a questão da ciência, tem a ver com o fato de que eu acabei indo para a diretoria da SBPC, e tudo isso eu tomo como sinal e, ao mesmo tempo, como estímulo. Porque eu sempre necessito de estímulos, e estímulos que não são necessariamente vindos dos livros, ou da antropologia *stricto sensu*, mas realmente desses chamados, entre aspas, objetos. Eu ainda tenho a necessidade que eles me estimulem, que eles de alguma maneira me escolham e não eu a eles, digamos assim. É isso que acontece. Mas, tenho a pretensão de achar que, apesar disso tudo, as coisas se somam em função de uma determinada perspectiva que faz com que essas coisas todas acabem se juntando de uma maneira ou de outra, mas não provavelmente num trabalho individual, mas num trabalho coletivo, que isso de alguma maneira colabore pra que isso se faça.

¹ A ser publicada na *Revista Afetados*, dos alunos da Pós-Graduação em Antropologia da UFPB.

Aposentadoria, Paquetá e prazer

Silvia Nogueira: Você se aposentou do Museu Nacional, mas continua obviamente superativo na SBPC e em outras instituições. Como é a vida... Você se mudou há quanto tempo para Paquetá?

Para Paquetá faz uns sete anos.

Silvia Nogueira: Como é que Paquetá impacta sobre você? Porque eu fiquei pensando no Roberto DaMatta, que sempre assinou *Jardim Ubá* [Um condomínio de casas em Niterói, município do Estado do Rio de Janeiro]. Como é que Paquetá impacta sobre você?

A aposentadoria impacta no sentido de você não ter mais uma rotina institucional. Isso que, por um lado, pode ser fonte de ansiedade, mas pra mim, até agora, não tem sido exatamente, porque outras coisas têm surgido no lugar, outros objetos têm me escolhido de alguma maneira. Me lembro, logo que me aposentei, uma das primeiras medidas que tomei foi comprar graxas de várias cores, que agora eu vou engraxar meus sapatos que estão sem engraxar há muito tempo... mas eles continuam sem ser engraxados. Quer dizer, a vida de aposentado que eu fantasiava, não aconteceu. Agora Paquetá, de certa maneira, ajudou pelo lado bom, porque faz com que não tendo essa rotina institucional, no entanto, eu tenha um lugar onde, de alguma maneira, também as coisas me chamam o tempo todo, me chamam o tempo todo e me dão prazer.

Silvia Nogueira: Que coisas são essas, Otávio?

É o dia a dia. O dia a dia na ilha, é a bicicleta, é o encontrar pessoas de uma maneira que você encontra e conversa, de uma forma que... num apartamento, em Laranjeiras, até hoje, eu nunca troquei mais do que meia dúzia de palavras com o meu vizinho do lado. E, em Paquetá, hoje, nós já temos um círculo de relações, já temos também as

nossas diferenças em relação a algumas pessoas, ou seja, a vida comunitária com tudo a que tem direito.

Acho que tem aumentado o prazer, num certo sentido. Porque há menos coisa sendo feitas por obrigação do que antes. Então, por exemplo, quando eu escrevo, eu também não tenho nenhuma obrigação imediata de escrever, ou de cumprir um prazo, embora, às vezes, haja algum prazo. Mas, de qualquer forma, em geral, eu tenho mais tempo para burilar, pra pensar, pra repensar as coisas, eu acho que as coisas estão sendo feitas com mais carinho e com mais cuidado do que antes, exatamente porque eu não tenho nenhuma premência quantitativa, ou não estou me dividindo tanto. Eu acho que do ponto de vista da minha produção foi até bom num certo sentido, embora eu não esteja fazendo trabalho de pesquisa diretamente, mas eu acho que estou numa rede e, de alguma forma, me benefico também dessa rede.

Direitos humanos e intolerância

Silvia Nogueira: Mudando um pouco de assunto, este ano o ‘atentado do 11 de setembro’, nos Estados Unidos, completa uma década. Em nome da ‘guerra contra o terror’, cria-se um clima de desrespeito generalizado pelos direitos humanos e pelo direito à diferença. A tarefa do antropólogo e o ideal de busca de um mundo mais tolerante por parte dos profissionais e estudantes ficou mais difícil? Que contribuição a Antropologia pode dar nesse contexto?

Realmente esse é um dos grandes paradoxos do nosso tempo: a intolerância praticada em nome dos direitos humanos! Creio que em certos casos não se pode sequer falar de neocolonialismo. É colonialismo mesmo, a farsa de sua repetição. Nesse contexto, a defesa do direito à diferença ganha enorme centralidade. Porém, é preciso atentar para o fato de que o discurso do direito à diferença também tem suas debilidades: em nome da diferença também se praticou e justificou o colonialismo. A ponto de que hoje no interior da própria antropologia ele precisar ser acionado com cautela. Tratei desse assunto na conferência

de encerramento do XII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões, realizado em junho na Universidade Federal de Juiz de Fora, e que vai ser publicada na revista *PLURAL*. Tentei na conferência encontrar um ‘caminho do meio’, expresso em seu título *Usos e Abusos da Diferença*. Seria muito importante, a meu ver, que avançássemos nessa discussão para podermos contribuir para esse debate, que obviamente não é só teórico.

Silvia Nogueira: Qual o papel da religião no mundo hoje, do ponto de vista político, e de que modo o campo da Antropologia da Religião vem se desenvolvendo?

Ao contrário do que muitos intelectuais supunham, a religião não desapareceu ou sequer restringiu-se à esfera privada. Diria que um dos principais papéis da religião no mundo de hoje é justamente postar-se como esfinge diante desse pensamento. E que não se argua contra a religião (utilizemos esse termo genérico para simplificar) a sua suposta violência e intolerância. A pergunta anterior já indicou onde reside a principal fonte de violência e intolerância. A antropologia da religião vem tendo um papel fundamental na documentação da presença e diversidade da religião no mundo de hoje. Porém creio que ela precisa avançar mais na discussão dos limites do pensamento secularista na medida em que este continua a se subordinar a dicotomias que precisariam ser reexaminadas. Pretendo tratar disso na conferência que deverei fazer nas XVI Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina que se realizarão em Punta del Este (Uruguai), de 1 a 4 de novembro.

Aos neófitos: corram riscos e não se deixem abater pela rotina!

Flávia Pires: Se você fosse dar um conselho para um aluno que começa a estudar antropologia, um neófito, o que você diria?

Eu acho que há muitos casos, uma das coisas importantes é reconhecer que, de fato, há trajetórias múltiplas e que isso é bom. Eu, às vezes, me incomodo quando fica aquela briga – que eu espero não ter passado, mas talvez até tenha – do que é realmente a Antropologia, desqualificando outras possibilidades. Se dei essa impressão, me penitencio, porque acho que é ruim essa briga, cada um querendo impor uma visão, como se fosse a única possível. Então, tem que haver essa variedade mesmo. Agora, em termos assim, não de um conselho, mas do que me dá prazer, e eu espero que possa dar prazer também a outras pessoas, é não se deixar abater pela rotina, pela máquina institucional, sem com isso ficar contra as instituições. Um aspecto talvez da minha trajetória que a gente não enfatizou é que eu também sempre fiz parte de esforços de construção de instituições, desde o PPGAS até a ANPOCS. Também sou fundador da ANPOCS, e através da SBPC, da participação de muitos conselhos e etc., sempre ajudando para essa construção das instituições. Então, pra voltar a uma coisa que eu já mencionei em outra ocasião, situações de *double bind*, de duplo vínculo, em que há aparentes contradições, aparentes antinomias na vida da gente, que as coisas parecem que vão em direções opostas, e alguém de fora pode dizer: “você está sendo incoerente, porque ao mesmo tempo em que você está falando que é o construtor de instituições, você está dizendo pra não se deixar levar pelas instituições e pela rotina”. Mas, é isso mesmo. São essas contradições que são a nossa vida, o real é assim, e trata-se de tentar fazer com que isso seja produtivo. Aliás, o Roberto Cardoso, o meu orientador inicial, deu um bom exemplo disso. Ele foi um grande construtor de instituições. Construiu várias instituições, mas nunca se deixou dominar por nenhuma, tanto assim que ele sempre, até o final da vida, esteve mudando e passando de um lugar para outro. Isso é fantástico! É uma das afinidades que eu guardo com ele.

Acho que da nossa relação com as outras áreas científicas – estou sempre voltando a isso, inclusive por causa da minha experiência na SBPC –, às vezes, há incômodos, mas também é interessante. Tal como com os nossos chamados informantes, a gente aprende com eles. Do mesmo modo, acho que com esses colegas a gente também aprende algumas coisas. Então, uma delas, observando outras áreas científicas, é que tenho a sensação de que na nossa área somos muito

ligados a autores e a teorias já constituídas, ao passo que, em outras áreas, o que existem são problemas, questões, temas a serem trabalhados. O que inclusive facilita a interdisciplinaridade. A interdisciplinaridade surge naturalmente na medida em que o tema – uma questão e um problema – demandam a interdisciplinaridade. Uma coisa natural não é uma coisa intelectualista, é o produto do trabalho. Mas, a nossa vida, os nossos currículos, os nossos programas estão muito em cima de figuras e de teorias consagradas, e não de questões. Questões para as quais esses autores e eventualmente outros, e essas teorias e eventualmente outras, devem estar a serviço, e serem utilizadas pragmaticamente. E, se for o caso, de ser capaz de dizer “isso aqui está datado, isso aqui não me serve mais, não me ajuda”, diga isso claramente, embora esse exercício não deva excluir que você redescubra possibilidades nesses autores que realmente são importantes, são brilhantes e, que, muitas vezes, podem ser reaproveitados. Mas me impressiona, por exemplo, que essa crítica ao eurocentrismo ainda não tenha abalado entre nós, digamos assim, uma certa reificação do pensamento, como, por exemplo, o do Weber, que evidentemente é um pensamento muito marcado, e não poderia ser de outra maneira, pelo eurocentrismo. Um exercício extremamente importante seria verificar isso completamente no pensamento dele, o que não significa que não haja muita coisa ainda a ser aproveitada, mas esse exercício ainda está por ser feito. E isso é feito naturalmente em outras áreas da ciência, na medida em que eles não estão preocupados em salvaguardar quem quer que seja, pois estão preocupados em enfrentar questões concretas.

Flávia Pires: Na biologia, por exemplo, eles fazem realmente experimentos, mas não sabem onde vão chegar. Correm o risco. A gente vê muitas pesquisas que começam com uma fundamentação teórica e terminam com a mesma fundamentação teórica.

E o estrago por uma coisa que você pensa que viu... Embora eu já tenha visto esse tipo de declaração em outras áreas também, mas parece que acontece mais entre nós. O fato de que existem esses prazos todos, que faz então com que os alunos não queiram se arriscar, isso eu acho que é um problema em termos da criatividade. Já vi colegas

em outras áreas reclamando da falta de criatividade. E, por outro lado, o fato de que toda a pesquisa no Brasil acabou muito atrelada à pós-graduação fez com que nós ficássemos dependentes dos alunos, que não querem arriscar. Com isso, o conjunto das ciências brasileiras está apresentando alguns problemas, que aparecem, por exemplo, nas avaliações da nossa presença internacional: nós estamos aumentando a nossa presença internacional, porém, não somos tão citados como deveríamos ser comparativamente ou tendo impacto significativo, porque talvez o que nós estejamos fazendo não seja assim tão relevante em termos de inovação, e isso está sendo sentido em outras áreas também. Não basta publicar nas revistas internacionais para que isso mude.

Flávia Pires: Otávio, tenho uma aluna, ela está na graduação e quer fazer uma pesquisa de campo pra monografia, ela é evangélica. Desde o primeiro momento, ela falou que queria fazer uma pesquisa com a igreja dela, na igreja dela. E, a princípio, eu não disse nem que não e nem que sim. Mas talvez fosse mais libertador, você concorda, se ela conseguisse correr um pouco mais de risco? É uma menina nova, na graduação, é mais interessante, não é?

Eu acho que sim. Claro que tem que respeitar também os limites dela, você não vai colocar ela pra estudar culto afro-brasileiro, mas, de qualquer maneira, eu concordo com você. Agora, continuando, eu também não acho justo que determinados temas sejam considerados privilégios dos seus nativos, porque há certos temas que, às vezes, são considerados privilégios de seus nativos, e outros não.

Flávia Pires: Como assim?

Por exemplo, gênero. É mulher que vai estudar gênero, em princípio, não é? Ou gay, é gay que vai estudar gay, coisas desse tipo. Também não sou contra, mas é isso que você falou, que o sujeito não vire especialista em gay porque ele é gay, ou que vire especialista em gênero porque é mulher, que circule mais. Mas acho que seria interessante por outro lado, para evitar os nossos preconceitos, não formular que

Entrevista com Otávio Velho

só evangélica não pode estudar a sua igreja, mas remeter a uma discussão mais geral sobre os chamados antropólogos nativos, que é de grande atualidade.

Flávia Pires: Muito obrigada, Otavio, foi um grande prazer estar com você nesses dias.

Silvia Nogueira: Sim! Muito obrigada.

Entrevista: Flávia Ferreira Pires e Silvia Garcia Nogueira

Edição: Flávia Ferreira Pires e Silvia Garcia Nogueira

Transcrição: Patricia Oliveira Santana dos Santos

Fotografia: Flávia Ferreira Pires

Revista ANTHROPOLÓGICAS, ano 14, vol.21(2), 2010